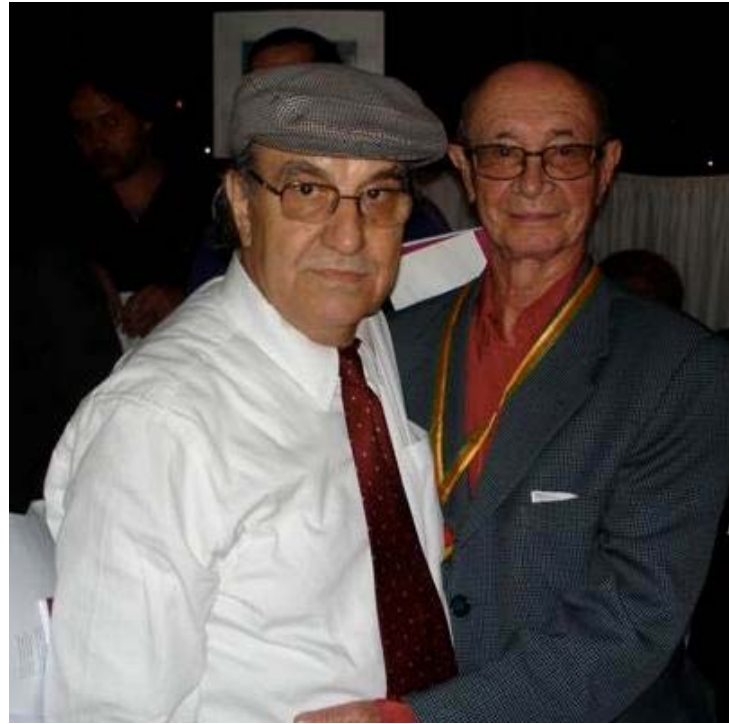


REVISTA DA CASA DO POETA EM
SALVADOR
POEBRAS – SALVADOR
2007



Casa do Poeta Brasileiro em Salvador
POEBRAS – SALVADOR
2007
Número 7
Editor – João Justiniano da Fonseca

HOMENAGEADO:

Nelson Nilo Fachinelli – Fundador da Casa do Poeta Latino Americano,
da Casa do Poeta Brasileiro e da Casa do Poeta Riograndense.

PATRONOS:

Patrono Perpétuo – Casto Alves,
Patrona de Honra – Zínia de Araújo Góes,
Patrono de gestão – A. de Carvalho Mela.

DIRETORIA:

Presidente - João Justiniano da Fonseca.
Vice-presidente – Heloísa Pinto de Freitas Graddi.
Secretária – Pérola Maria Mariani Bensath Oyie.
Bibliotecária – Ester Leonor Magalhães Ferreira.
Tesoureira - Cristina Maria Onofre Santos.
Diretor de Intercâmbio Cultural – Oswaldo Francisco Martins.
Diretor de Eventos – Emilton Moreira Rosa.
Conselho Fiscal:
Mário Belmiro Barbosa,
José Carlos Santos Vieira Graddi
Nilson Petronilo de Sousa.

Sumário.	
Página e abertura.....	4
Saudades.....	5
Notícias	6
Nelson Fachinelli	9
PRIMEIRA classificada – Marina de Sousa Rocha Ferreira.....	11
Segunda classificada – Paula Helmann Cluadino.....	12
Terceiro classificado Sidney Santaana Costa.....	13
Categoria Internacional	
Primeira classificada – Maria Aparecida S. Coquemala.....	14
Segundo classificado – Giordano Salustiano Batista.....	15
Terceiro classificado – Jónatas Nunes dos Santos.....	16
Participantes aderentes à revista	
Sétimo classificado – Paulo César de Oliveira Tórtota.....	17
Sétimo classificado – Pedro Diniz de Ara-ujo.....	18
Sócios	
Alcinone Sortica.....	19
Delasnieve Miranda Daspt de Sousa.....	20
Ester Leonor Maalhãs Ferreira.	22
Heloíza Graddi.....	23
João Justiniano da Fonseca.....	26
Mara de Carvalho Leite.....	34
Maria Elisa Berwanger.....	35
Mário Simon.....	37
MARIN-es Bonacina.....	39
Mário Belmiro.....	41
Oswaldo Francisco Martins.....	42
Pérola Bensabath.....	45

PATROMNO PERPETUO – Castro Alves.

Vamos buscar em Norlândio Meireles de Almeida, CRONOLOGIA DE CASTRO ALVES, editado em 1960, um pequeno trecho da introdução:

”A 14 de março, domingo, dia de Santa Matilde, às dez horas, na fazenda Cabaceiras, nasceu o segundo filho do Dr. Alves e sua esposa D. Cecília, aquele que, na pia batismal, recebeu o nome de Antônio Frederico de Castro Alves. O menino nasceu no primeiro quarto com frente para o sul, à direita de quem entra pelo amplo corredor; suas duas janelas eram de cedro e pintadas de verde. Tinha a casa 15 palmos de altura e fora construída de pau-pombo, sucupira, maçaranduba, inhaúba e fava cabocla; o quarto e o santuário eram contíguos.

Após o nascimento, o Dr. Antônio José Alves osculou as faces morenas da Aparadeira Maria Soares, que servira ao ilustre médico e à parturiente e, na mesma ocasião lembrou à sua querida Clélia Brasília da Silva Castro, que aquele era o dia de suas vinte e uma primaveras.

Os ascendentes maternos do novo rebento eram: avó, Ana Rita Viegas, filha do espanhol Antônio Viegas e Claudina Viegas e, avô, José Antônio da Silva Castro, o “Periquitão”, filho do paulista João Antunes da Silva Castro e D. Ana da Silva Castro; os avós paternos eram:

Antônio José Alves, português, e a baiana Ana Joaquina Alves de Sá”.

Em 1852 a família passou a residir na cidade de Muritiba e já no ano seguinte estava em Cachoeira, por pouco tempo, mudando-se definitivamente para Salvador. Salvador, Recife e São Paulo, vida agitada, curta e gloriosa.

PATRONO DE GESTÃO – A. de Carvalho Melo.

O concurso de poesia POEBRAS SALVADOR 2006, cujos vencedores são publicados neste número, recebeu o nome de Prêmio A Carvalho Melo. Com esse nome se fez conhecido nas letras nacionais o poeta Antônio de Carvalho Melo, nosso patrono de gestão 2004/2006 e 2006/2008. Filho de Augusto Lopes de Melo e D.. Marta Joana de Carvalho. Nasceu a 21 de fevereiro de 1914, em Cachoeira, cidade monumento da Bahia. Fez seus primeiros estudos na terra natal, onde,

muito cedo mostrando pendores para a arte literária e inclinação para a temática social, escreveu o seu primeiro opúsculo, um cordel com o título de ABC dos Flagelados. Alistar-se-ia na Polícia Militar da Bahia, onde curso a curso, alcançou o oficialato e o posto final, de coronel, no qual passou à reserva remunerada. Curso superior na Universidade Católica da Bahia, graduação em Letras Modernas, com Francês. Provisão em Técnica de Administração - concessão do Conselho Federal de Educação. Exerceu a Cadeira de Francês no Colégio Estadual da Polícia Militar da Bahia e no Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, onde foi Diretor do segundo grau. Andando um pouco mais pelo cordel, publicou dois opúsculos - Um Religioso e um Protestante e Pacto de Hitler com Satanás. Passou à área da literatura regionalista com o grande épico MALDIÇÃO – Tragédia nas Secas - 1971 (no qual eleva seu protesto contra a sede, a fome e a doença da gente sertanejo nordestina, ainda hoje vivas, teimosamente vivas entre nós, e pior, alcançando o litoral e a cidade grande. Vêm em seguida TALISMÃ (poesia vária), 1984; CANTIGAS QUE O POVO CANTA (trovas), 1986; TROVA GLOSANDO TROVA (trovas), 1989; CANTIGAS DE QUE O POVO GOSTA (trovas), 1991. Integrou a Academia Castro Alves de Letras da Bahia, que teve seu momento de glória e, afinal, parece que morre. Foi fundador e diretor da União Brasileira de Trovadores (UBT) da Bahia, onde pontificava com extraordinário brilho. Na apresentação do livro Cantigas de que o Povo Gosta, A. de Carvalho Melo oferece-nos uma aula sobre a trova e o trovismo brasileiro.

PATRONA DE HONRA. Zínia de Araújo Góes.

A 11 de março de 1988 o insigne poeta e ativista cultural Nelson Nilo Fachinelli, coordenador nacional da POEBRAS, ao lado a senhora sua esposa, Lenita Prestes Fachinelli e os componentes da Caravana do Grêmio Literário Castro Alves, de Porto Alegre a fundava a POEBRAS SALVADOR, no Palacete Zínia Góes, à Rua Frederico Costa, 61, em Brotas. É de destacar a presença de 151 pessoas assinando a ata de fundação, fenômeno raríssimo em Salvador, embora ente estas se contassem os componentes da caravana gaúcha, em torno de 30 pessoas. Zínia de Araújo Góes, a patrona local do evento, foi eleita vice-

presidente, sendo em seguida conduzida à presidência. Foram dias difíceis os primeiros, vencidos garbosamente. Hoje está a Zínia de Araújo Góes, para orgulho dos confrades, Patrona de Honra da POEBRAS SALVADOR. E como faz bem as honras da Casa, sabe-o fazer com imensa delicadeza e dedicação.

PÁGINA DE AERTURA.

Durante os primeiros cinco números, lançamos esta pequena revista anualmente. No número seis houve um atraso e se passaram dois anos. Novo atraso e mais dois anos para este sétimo número. Não é fácil a elaboração de um trabalho desta natureza. Como primeiro ponto de dificuldades, encontra-se a reunião do material. Todos nós temos trabalhos inadiáveis e as miudezas ficam para depois. Selecionar e passar material para uma revista de interesse menor é miudeza. E os companheiros em geral retardam. Muitos não querem participar, outros acham alto o custo. Quem elabora a revista também tem ocupação inadiável. Por exemplo, o Diretor cultural, Dr. Oswaldo Marrtins. Oswaldo é quase milagroso. Durante o dia é engenheiro em uma empresa. À noite é professor em uma faculdade. São estas que lhe dão a mesa, a roupa e a escola dos filhos. E os companheiros atrasam muito, repita-se. Em um outro plano, vem o custo. A POEBRAS SALVADOR não cobra anuidade. Pensamos que a contribuição com o valor página na revista corresponde a isso. É teórico. Há quem pense que não, essa contribuição é um pagamento. E é alto. Este ano é alto. Os custos de edição cresceram muito e o porte de correio mais ainda. Há muitas páginas fora da contribuição. As dos patronos. As dos premiados, seis; as de remuneração aos julgadores, três; esta de apresentação e a de notícias. Ou rateamos isso pelos sócios participantes ou sairá do meu bolso e do Oswaldo. Creio que não iremos muito longe. Falta entusiasmo aos confrades. E essa falta de entusiasmo me contagiou. Já não sinto gosto por isso. Apenas cumpro a obrigação. No próximo ano teremos eleição de diretoria. A partir daí o comando será e outro e a este caberá a decisão. Tenho que cumprir minha tarefa. Bem ou mal, a cumpro. Pelos erros e faltas muitas, deixo o meu pedido de desculpas. Sem nenhuma dúvida com este número deixo o meu adeus e os votos de sucesso.

Boa leitura. Paz, muita paz.

João Justiniano

SAUDADES

Dia 17 de julho, em Salvador, Ester da Silva Vasconcelos, 82 anos. Professora aposentada. Poeta, voltada especialmente para a trova. Participante da UBT E POEBRAS SALVADOR. Foi fundadora da POEBRAS SALVADOR, tendo exercido o cargo de Diretora Tesoureira em três gestões seguidas, com eficiência e brilho, sem jamais faltar a uma seção da Casa. A mais constante das premiadas no tradicional torneio de trovas da UBT/BA.

Dia 03-08-2007. Em Porto Alegre, o Dr.Hugo Ramirez, 85 anos. Nasceu Uruguaiana, a 12.04.1922. Educador, jornalista, advogado, poeta. Acadêmico ocupante da cadeira nº 38 da ASBL. Fundador do CTG, co-fundador da CAPORI, CAPOLAT e POEBRAS, criador das caravanas gaúchas em visita a Cabaceiras, terra de Casto Alves, onde bienalmente traziam a homenagem da grande gente gaúcha ao poeta da nacionalidade brasileira. Deixa viúva a advogada, poeta, acadêmica Maria Dornellis.

Já estava rodado o número anterior desta revista, quando a eternidade levou três dos nossos companheiros. Nelson Nilo Fachinelli, David Camarco e Maria Tereza. .

Dia 26.04.06.Nelson Nilo Fachinelli,. Nascido na sua bem amada Porto Alegre em 09 de novembro de 1935 seguiu à Eternidade aos 70 anos de idade.Homenagem e m pagláina a seguir.

Dia 20 de Abril de 2006, em Porto Alegre - RS. Professora, escritora poeta e declamadora, componente da Academia Artes, Ciências e Letras Castro Alves, da qual exercera a Presidência. Foi patrona de minha indicação e eleição para o sodalício.Nascida em Alegrete , 06 de agosto de 1931, partiu aos 74 anos.

Dia 28.10. 2006, aos 73 anos, Davi Camargo. Figura conhecida, respeitada e querida em porto Alegre. Ator de teatro e cinema. Em 51 anos de carreira, ofereceu seu talento a 58 filmes entre 35mm, 16mm e Super-8, 42 vídeos, 50 peças de teatro, sendo que seu monólogo "Consciência Parda" teve 207 apresentações

NOTÍCIAS

A POBRAS no extremo norte. Entre os meses de abril e maio de 2007, o coordenador nacional da POEBRAS, Dr. Joaquim Moncks, advogado, poeta e ativista cultura e João Justiniano da Fonseca, presidente da POEBRAS SALVADOR, estiveram presentes a Belém do Pará, para assistirem a solenidade de instalação da POBRAS local, que ficou a cargo da poeta, Dra. Lucy Goraeybe, advogada, como presidente e do poeta Dr. Antonio Hermes, médico, como secretário geral. Visitaram Marituba, Benevides e Santarém, instalando também, nas duas primeiras cidades, afiliadas das Casas. Aqui a presidência ficou, em Marituba com o jornalista, poeta Jorge Granhem, em Benevides com a poeta Genit Begot. Em Santarém não houve espaço para fundação da POEBRAS. A seguir, Moncks e Justiniano visitaram a POEBRAS de Manaus, que funciona sob a presidência do poeta e escritor acadêmico, Dr. Gaitano Antonácio, advogado. De volta em Salvador visitaram a POEBRAS ARACAJU. Esta roda a 100% sob o comando da jornalista Dra. Ilma Fontes, médica, poeta, ativista cultural e acima de tudo mãe espiritual da boa gente sergipana da área cultural. Estiveram em Maceió, onde deixaram criado o núcleo de fundação da Casa, sob a responsabilidade dos poetas Dr. Emanuel Fay Fonseca e Dra. Maria Nita Silva, ele juiz aposentado, ela desembargadora.

Este nº 7 da revista POEBRAS SALVADOR é dedicado ao amado Nelson Nilo Fachinelli, líder e amigo extraordinário. Para a homenagem, a palavra à jornalista Marinês Bonacina, ex presidente da CAPORI, atual presidente da CAPOLAT, quem melhor pode falar sobre ele, para abrir a revista.:

**NELSON
FACHINELLI “Operário das Letras”**
Marinês Bonacina
Presidente da Casa do Poeta Latino-Americano.

NELSON NILO FACHINELLI nasceu em 09 de novembro de 1935 em Porto Alegre. E faleceu dia 26 de abril aos 70 anos, sua cidade natal, Porto Alegre, sepultado no Cemitério São Miguel e almas.

Poeta, jornalista e escritor NELSON FACHINELLI, casado com Lenita Fachinelli, teve um único filho, Glauco Fachinelli. Por mais de 30 anos foi servidor público no Tribunal Regional do Trabalho como oficial de justiça, cargo no qual se aposentou.

Autocognominado "Operário das Letras", por vários anos usou o nome de Nelson da Lenita Fachinelli.

Fundou e presidiu diversas entidades litero-culturais, entre elas o Grêmio Literário Castro Alves, em 1958; a Casa do Poeta Rio-Grandense - CAPORI, em 1964; a Casa do Poeta Brasileiro - POEBRAS, no mesmo ano, e a Casa do Poeta Latino-Americano - CAPOLAT, em 1978.

Criou o Cafezinho Poético-Musical, no primeiro ano de vida da CAPORI, e o Congresso Pan-Americano de Poesia, em 1990, em Nova Prata/RS. Agora realizado em Bento Gonçalves /RS.

O poeta Nelson Fachinelli coordenou nacionalmente a Casa do Poeta Brasileiro até 2003. A Casa do Poeta Rio-Grandense até 2005, e a Casa do Poeta Latino-Americano até abril de 2006. As Casas de Poetas, organizações não governamentais têm a sua territorialidade em âmbito municipal ou regional, funcionam como verdadeiras casas de cultura, aglutinando e procurando desenvolver a inventiva e a criação em cada um de seus associados.

Nelson teve vários títulos editados, destacando-se "Cânticos de um solitário"; "Palavras de Amor"; "Mario Quintana, vida e obra"; "Cantigas de Amor e Paz" e lançou na 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, a obra "Nelson Fachinelli, Operário das Letras", pela Editora Alcance. Realizou inúmeras atividades na Fundação Educacional e Cultural do Sport Club Internacional - FECCI, clube de sua paixão por toda a vida, onde era diretor do Departamento de Cultura há vários anos.

OPERÁRIO DAS LETRAS

Para Nelson Fachinelli

Amor, sua maior inspiração,
Espalhando a cultura, aos quatro pontos cardeais.
As casas, seus ideais,
CAPOLAT, POEBRAS, CAPORI,
Entre outras tantas meninas,
Feitiços, de seu olhar.
No Cafezinho Poético,
medalhas, rosas e cravos espalhou.
E se banhou em poesia,
no sangue de seu timão –
Sport Club Internacional.

Em "Cânticos de um solitário",
belos sonhos viajou.
Nas "Palavras de Amor",
de perdão, enriqueceu.
Em "Mario Quintana, Vida e Obra",
o sorriso dos gaúchos, conquistou..
"Cantigas de Amor e Paz"
para, a canção registrar.
"Nelson Fachinelli, o Operário das Letras",
Um CD entrou na história,
Nosso ouvido a embalar!

NELSON FACHINELLI – SAUDAÇÃO DE POSSE AO POETA JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA na
Academia de Artes Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Cadeira nº 1, cujo patrono
é Castro Alves, na sucessão de Celeste Maria do Amaral Masera,

I
João tem tantos hermanos,
Que nem os pode contar
E não dá nem para agüentar
Os que vivem aqui ou acolá.
Os baianos são ufanos
Do seu escritor famoso,
De talento fabuloso,
Que brilha lá e por cá.

II
Porto Alegre é que te acolhe
De braços abertos, feliz,
Aqui sempre bem se diz:
- "A porteira está aberta"!
Entra João, com altivez,
Que te acolhe a gauchada.
Tu tens a alma ligada
Ao pago, que te liberta.

III
Castro Alves nos aproxima,
Desde o ano oitenta e dois,
Celeste nos ligou depois
Com o Grêmio Literário.
E a Primeira Caravana
Que a bela Bahia visitou,
Muitas vezes lá voltou
Cumprindo longo itinerário.

IV
E tu, João Justiniano,
Bom poeta e ex-prefeito,
Sempre acolhia direito
A gauchada Castroalveana.
Desde o pioneiro Ramirez,

Em março dava "mil salves"
Na semana Castro Alves,
Unindo a alma gaúcha e a baiana.

V
Nossa saudosa Celeste,
Lá do Céu nos abençoa
E feliz diz – "Gente Boa,
Castro Alves está comigo."
Meu coração se reveste
De emoção meu poeta João,
Pois a Poetisa do Coração
Te considerava um amigo.

VI
Teu amor pelo Rio Grande
É grande, barbaridade!
Se expressa quer na saudade,
Em idéias e consagração.
Onde quer que tua andes
Teu coração de baiano
Fica meio aragano
E volta sempre ao Rincão.

VII
Sempre em 4 de Outubro
Nosso povo fica feliz:
São Francisco de Assis
- Padroeiro dos trovadores
É por nós festejado.
E oramos, João - que tua vida
Seja cada vez mais vivida,
Plena de poesia e amores.!

VIII
Meu caro João Justiniano,

Do versos faço oração
E rogo – que teu irmão
Tenha saúde, amor e paz.
Que a Padroeira do Brasil
Nossa Senhora Aparecida
Dê a ele longa vida.
Quem puder que reze mais!

IX
Desde “Safira e outros Poemas”,
Que o nosso poeta-escritor,
Quer tendo ou não editor
Faz as suas publicações.
“Sonetos de Amor e Passatempo”
no verso a sua maior obra.
No romance João se desdobra
Entre histórias e ficções.

X
Advirto, que o João – de Rodelas,
Pode ser até multado
Por Ter de “Oitenta” passado
Na sua longa trajetória.
Com seu corpo de manequim
João Justiniano da Fonseca
Não segue, por certo, a lei seca,
Escrever é sua maior glória.

XI
Este orador operário
Está quase terminando
Sua glosa, segue rimando
Em versos desmetrificados.
Caro João, dileto afilhado,

Agora tu és um imortal,
Seguirás o teu fanal
Na Galeria dos glorificados!

XII
Vem desde Múcio Teixeira
A ligação gaúcha – baiana,
Castro Alves nos irmana
Sempre mais, a cada dia.
Mais um trio de primeira:
- João, Norlândio, Capelo,
São nomes deste novelo
Que une Rio Grande e Bahia!

XIII
Castalveanos dos dias atuais:
Moncks, Ivanise e Regina,
São gaúchos de nossa sina
E mais a Perpétua imortal.
São todos amigos fraternais
De Justiniano – o vanguardeiro
Da Casa do Poeta Brasileiro,
Que acolhe o nosso fanal.

XIV
“Te aproxima meu vivente!”
pois tens a alma gaúcha,
a gente grita: “a lá pucha”,
vem tomar um chimarrão,
depois um “churrasco quente”.
E, pra encerrar a “festejança”
A gauchada entra na dança
E diz: “PARABÉNS MANO JOÃO”

PRÊMIO ANTONIO DE CARVALHO MELO
Patrocínio do escritor JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA
www.joaojustiniano.net

MARINA DE SOUZA ROCHA FERREIRA,
1ª classificada Rua Papa João XXIII nº 166, Casa 4,
JD Menino Deus. Quatro Barras – Paraná – Brasil CEP: 8342000-000
E-mail : Marina.sid@bol.com.br

SÚPLICA DE CRIANÇA

Conta-me!
Uma história bonita,
Resumo dos teus ideais,
Daquilo em que acreditas.

Conta-me!
Uma estória encantada,
Dos tempos da tua infância,
Quando acreditavas em fada.

Conta-me!
Uma história de amor,
Dos dias de tua mocidade,
De tudo o que tu sonhou.

Conta-me!
Uma história de vida,
Dos teus pais, meus tios, bisavós,
Da convivência feliz,
Com tua família querida.

Conta-me!
Histórias... estórias...

Povoa meu mundo infantil,
Para que eu guarde na memória,
E siga colhendo vitórias
Nas curvas deste mundo hostil.

Conta-me!
Histórias, estórias...
Não importa!
Apenas, conta-me histórias,
Para que eu guarde na lembrança,
Os meus tempos de criança.
Para que eu guarde na memória,
E cresça feliz, sonhando,
E possa aprender brincando,
Através das tuas estórias.

PAULA HELLMANN CLAUDINO

2º classificada

E-mail : ruthhlc@yahoo.com.br

ACRÓSTICO: TERRA, ÁGUA E NATUREZA

Terra, nossa verdadeira morada,
Especialmente elaborada
Redonda, de água cheia,
Rodando ao redor de si volta e meia,
Ao redor do sol, com a lua enamorada.

Água que vem das nuvens derramada
Guiada nos desertos, ou na mata fechada
Unindo terra e mar com beleza
Através dos rios em correnteza.

Embalando e apressando a natureza.

Ninguém vive sem ar, sem água
A marrotando-se na mágua.
Tudo é preciso para viver saudável
Unindo o útil ao agradável.
Rezar só, não resolve nem adianta,
Esperteza é cuidar de cada planta,
Zelandando para não poluir ou destruir,
A natureza que agradecerá no porvir.

SIDINEY SANTANA COSTA - 3º classificado

Av. Presidente Kennedy, 567. – Tucano – Bahia CEP: 48790-000. Fone: 75 – 3272 1210

PENA, AMOR ETERNO E FALSO PRAZER.

Dei para ti todos os meus sonhos
Deste para mim os teus desejos
E aos outros, nada a mais
Do quem os meus mais saudosos sobejos

Dei para ti todos os meus beijos
Deste para mim os teus sorrisos
E aos outros nada a mais, nada a mais
Que os meus dizeres mais precisos

Dei para ti todos os meus segredos
Deste para mim todo teu amor
E aos outros não deste nada a mais
Que um pobre e requentado calor

Dei para ti, não o que tenho de mim
Deste para mim, não o que eu queria
E aos outros não deste nada a mais
Do quem tu, eu sei, jamais me daria.

CATEGORIA INTERNACIONAL.

1ª classificada

MARIA APARERCIDA S. COQUEMALA

Rua Itaporanga, 52, Itararé – SP, CEP 18460-000

FAVELA

Corre nas ruelas. Quase alcança a porta...
Lá em cima, onde nem luz havia...
A noite se enche de tiros, gritos e gemidos...
O sangue não corre pela rua. A terra o absorve...
O medo espia pelas frestas... Os corações disparam...
A mãe tapa a boca do bebê que chora.
Mãos rápidas se benzem.
Gritos lancinantes morrem nas gargantas.
De lábios trêmulos, nenhuma palavra escapa.
 Pega o terço, vence o medo,
 Vence os braços que a prendem,
 Quase alcança o filho que agoniza...
A noite se enche de tiros, gritos e gemidos...
O sangue não corre pela rua. A terra o absorve...
O medo espia pelas frestas... Os corações disparam...
A mãe tapa a boca do bebê que chora.
Mãos rápidas se benzem.
Gritos lancinantes morrem nas gargantas.
De lábios trêmulos, nenhuma palavra escapa.
 E lá em cima, onde nem luz havia...
 A escuridão só quebrada pela luz das estrelas...
 E no lampejo na boca do revólver...
 Lá em cima, onde justiça não havia

2º classificado

GIORDANO SALUSTIANO BATISTA

Quadra 134, Casa 21, Parque Piauí,
Terezina, PI- CEP 64025 –480

QUERENDO

Mais que simples sombras,
Mesmo fatalmente sobras,
Meras e indubitáveis obras;

Visões de paisagens tórridas...

Assim eu te vejo,
Assim me escondo,
Assim me assombras.

Menos insuportáveis cólicas.
Miragens próprias do desejo
Que infelizmente me cobras.

Amor de inflamável estrondo,
Cálice febril de um beijo
Ou gozo estrábico e zonzos.

Quero tua língua fática,
Quero tua língua flácida,
Queiro tua gíria clássica

Quero alçar-me num vôo
Quando minto que não estou,
Sem saber o que sou.

Quero tua conotação tácita,
Pois apagarei a lâmpada...
Quero-te alfa, beta e lânguida.

3º classificado

JONATHAS NUNES DOS SANTOS

Rua Moreira Façanha, 40, Rocha

São Gonçalo – RJ, CEP 24421-410

VOLÚPIA FATAL

Ei-la em volúpia a amar... se entrega e não vacila;
na sua carne branca, aqueço a minha, escura.
Pelo brilho do olhar, ela presto me exila
no espelho da pupila, em fogo de ternura.

A coxa, o ventre, a espádua, o seio alucinante
e tez em perfeição, despontam sempre nus.
Dou por mim a sonhar: agora sou amante
em seu cabelo negro, ermo de chama e luz!

Atiro-me encantado então a suas plantas;
e no aroma de um beijo, invasora em leva,
de volúpia em volúpia a confidências tantas.

Porque essa volúpia, em que afoga nua,
ela vai – como a luz alimentando a treva -
na minha carne negra a alimentar a sua.

PARTIPANTES ADERENTES À REVISTA

PAULO CEZAR DE OLIVEIRA TÓRTORA (PAULO TÓRTORA).

R. Piracaia, 509, Marechal Hermes, Rio de Janeiro - RJ, CEP 21555-260.

Tel. (0XX21) 3359-3523. classificação em 7º lugar.

E-mail: tortora@ibpinet.com.br

MANHÃ NO PARQUE

No parque banhado ao sol,
Tal manhã em fogaréu,
Crianças e futebol:
– Olhe o bando, que escarcéu!

-Olhe o bando, que escarcéu!
É o riso, o pulo, a corrida...
Minúsculo povaréu...
– Veja a alegria incontida!

– Veja a alegria incontida!
Aves que voam ao eu
Ouvem, da turba aguerrida,
Seus trinados, lá no céu.

Seus trinados, lá no céu,
Melodia enternecida,
Soam doces como o mel,
São hinos louvando a vida!...

– Olhe o bando, que escarcéu!
– Veja a alegria incontida!
Seus trinados, lá no céu,
São hinos louvando a vida!...

PEDRO DINIZ DE ARAUJO FRANCO.

R. Prof. Valadares, 204, Grajaú, Rio de Janeiro – RJ, CEP 20561-020.

Tel. (0XX21) 2576-8447, telefax (0XX21) 2576-9651. classificado em 10º lugar.

E-mail: pedrofra@centroin.com.br

VIDA

A vida é dura.

Matar um leão todos os dias.

No charco garimpa-se

O amor e a amizade.

Principalmente o primeiro

Pode ferir, ou elevar.

Permeiam dúvidas,

Filosóficas, ou práticas.

Hipóteses, teorias e religiões.

Mata-se em nome de religiões

E guerreia-se e aquece-se a Terra.

Profissões, trabalhos, atividades,

Dinheiros.

Lazer, cultura e arte,

Combatem a solidão

Mesmo amando, ou acompanhado,

O homem é só,

A mulher é só,

Crianças não são sós, só às vezes.

Velhos estão sós, a-p-o-s-e-t-a-d-o-s.

Uns seres colecionam outros,

Até em nome do amor

Ou em nome de algo, como ideal.

Políticos, políticas, demagogias.

A vida é dura,

Matar uma quimera todo dia,

Viver utopias e desenganos,

A vida é dura.

Mas há momentos amenos

E de formidável encantamento.

Procurar, procurar, procurar.

SÓCIOS DA POEBRAS

ALCIONE SORTICA.

Natural de Cachoeira do Sul/Rs. Em Porto Alegre desde 1967. Bacharel em Ciências Contábeis/UFRGS, Ex-Auditor Fiscal do Tesouro Nacional. Aposentado/1990, dedica-se à música, pintura e literatura. Primeiro livro: “Cacos do tempo – Contos – Poesias - Crônicas” 1ª Ed. 2005. Seus textos encontram-se dispersos em antologias, coletâneas, jornais e revistas. Da Casa do Poeta Rio-Grandense, Instituto Cultural Português e Grêmio Literário Castro Alves. Lema: ”Poesia – Grito de esperança por um mundo melhor”.

e-mail: escritor.sortica@portoweb.com.br

A LEMBRANÇA E A SAUDADE

Lembranças,
são como as gentes.
Existem boas e más,
grandes e pequenas.
Alegres, jocosas,
amargas, tristes,
algumas nítidas,
outras enfumadas pelo tempo.
Por vezes, esburacadas,
com lampejos de luz,
como aqueles velhos filmes
de muitas andanças.
Esquecidas,
são entidades mortas,
enterradas,
já não são lembranças.
Jovens, idosas,
certas vivem anos,
outras morrem logo.
Lembranças e saudades,
sempre juntas,
ajoujadas.
Se gente, seriam gêmeas.
Ou comadres, certamente!

DELASNIEVE MIRANDA DASPET DE SOUZA.

É sul-mato-grossense de Porto Murtinho, onde nasceu e cresceu em meio a exuberante natureza que é o Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil, residindo em Campo Grande-MS. Casada, tem dois filhos. É poeta, cronista, faz trabalho social com menores carentes. Professora, Educadora, Ativista Cultural e Ambiental, pertence a várias associações literárias e culturais nacionais e internacionais.

Embaixadora Universal da Paz do Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix - Genebra - Suíça e Embaixadora para o Brasil de Poetas del Mundo.

www.delasnievedaspets.com.br

www.pantanalms.tur.br

www.lunaeamigos.com.br

http://www.delasnievedaspets.com.br/embaixadora_universal_da_paz.htm

http://www.poetasdelmundo.com/verInfo_america.asp?ID=600

COMO UM RAIOS DE SOL AO ENTARDECER!

Quero um dia poder partir
tal como cheguei
como um raio de sol ao entardecer!

Quero ir-me como a gota de chuva
que orvalha a planta e
some nos labios do sol!

Quero esvair-me como a água
da chuva que
tamborila no telhado
e morre no riacho.

Quero lembrar que vivi,
senti, amei, sorri,
aspirei a rosa,
que vi sorrir uma criança!

Quero, enfim, saber
que vi refletido nos
olhos da malquerencia
um raio de luz!

Quero lembrar
que no lodo vi florir
muitas coisas bonitas, e que vi
surgir todos os dias um novo dia.

Quero guardar bem no âmago
desta floresta que me cerca
o canto dos pássaros,
o cheiro da terra molhada,
e o perfume das flores....

Quero poder
mostrar à todos -
o amor da flor e da abelha
- o pólen da eternidade!
A vida!
Vivida!

Campo Grande - MS - 23-12-2000

ESTER LEONOR MAGALHÃES FERREIRA - “JÔ DE PAULA”

Poetisa. Pertence à POEBRAS SALVADOR. Natural de Ruy Barbosa(BA) Livros publicados: “Floração” e “Retratos - Lembranças do Orobó”, Rua Priscila Dutra 378, Cond. Atlantic Ville casa 13 CEP 42 700 000 Lauro de Freitas(BA) Fone: (071) 3794332

NÓS DOIS

(Para Nazareno)

Olho no olho
Mão na mão
Coração no coração
Emoção na emoção

Nós dois juntos, que gostoso
Namoro assim é muito bom
Encontrando a tua alma
Da vida entro no som

Entro no som, no compasso
Na dança da inspiração
Trocando contigo energia
Soltando a nossa emoção

Lembrando o nosso começo
Que bom é continuar
Achando tempo pra nós
Amando, aprendendo a amar.

HELOÍSA GRADDI. Poetisa. Juíza de Direito com exercício na 1ª Turma Recursal Civil e Criminal de Salvador. Membro integrante da UBT Bahia e sócia efetiva da POEBRAS SALVADOR. Rua Baraúna, 92, Horto Florestal, Salvador. Nas duas páginas abaixo seu voto no processo JPCV nº 1036/2002, embargo de declaração.

JOÃO JUSTINIANO

30 de jun

Nosso João da Fonseca
romancista do Sertão.
o amor à terra seca
faz vibrar o coração.

Em soneto ou boa trova
seu cantar com maestria
de beleza se renova
em pungente fantasia.

Terra seca, poucas flores
de raríssimos olores
cuja aridez é tristeza.

Sua sensibilidade
transmuta a adversidade
numa ode à natureza.

AGLAIA

Volta pra mim meu amor,
minha filhinha querida,
sem ti, eu sou murcha flor
vem colorir minha vida.
A alegria de voltar
só pode ser comparada
ao aconchego do lar
da vida compartilhada

A ida e volta vão dar
Nos remoinhos do viver
Serve para te ensinar
O prazer de conviver

Os entraves do viver
servem para te ensinar

PRIMAVERA

Vem chegando a primavera
que imensidão de alegria!

NATUREZA NATUREZA

Foi-se o inverno deprimente,
da primavera é o fulgor.
Da flor no ventre, a semente
brota seiva, espargue olor.

Quando a luz do sol inunda
vales, florestas, montanhas,
a flora se faz fecunda
e abre, feliz, as entranhas.

O cio da terra aflora
- o beija flor sem demora
dá início ao seu labor.

Da borboleta a afoiteza
auxilia a natureza
fecundando com amor.

o prazer de conviver
n'alegria de voltar

Volta que traz os amores
alegria e o desejar
volta que aviva os temores
da vida a recomeçar

Balada do desencanto
cantei com melancolia.
Tu partiste, sofri tanto...
Saudade, dor agonia...

É gostoso para a alma
para o corpo -uma delícia...
aconchega, aninha, acalma
envolver-se em carícia!

fazer parte, quem me dera
de toda esta fantasia,
a estação da quimera
é luz! é cor! é magia!

A brisa que sopra macia
acaricia a plantação,
e você com doce magia
aquece meu coração,
laureando de alegria
tal momento de emoção.

Primavera é fulgor.
-Aquece alegremente
fazendo abrir a flor
e a vida na semente

A brisa sopra macia
ao sentir a primavera
espargindo a magia
na estação da quimera.

A luz vem do teu olhar
me encanta, me seduz
-é uma estrela a brilhar...
No meu caminho reluz!

Da amizade, a confiança,
da dor, o esquecimento,
da alegria, a esperança,
e do amor -o momento!

Doce Alegria da vida:
Vivê-la com muito amor,
sem tristeza ou dor sentida
e ter prazer no labor.

Espera traz ansiedade
suspiro e aflição.
É prenúncio de saudade
que aflige o coração

Balada do desencanto
cantei com melancolia.
Tu partiste, sofri tanto...
Saudade, dor, agonia...

É gostoso para a alma
para o corpo -uma delícia...
aconchega, aninha, acalma
envolver-se em carícia!

Se a carícia é tua
maior sabor ela tem.
Veste a minh'alma nua
o carinho do meu bem!

A brisa sopra macia

ao sentir a primavera
espargindo a magia
na estação da quimera.

A luz vem do teu olhar
me encanta, me seduz
-é uma estrela a brilhar...
No meu caminho reluz!

Da amizade, a confiança,
da dor, o esquecimento,
da alegria, a esperança,
e do amor -o momento!

Doce Alegria da vida:
Vivê-la com muito amor,
sem tristeza ou dor sentida
e ter prazer no labor.

Espera traz ansiedade
suspiro e aflição.
É prenúncio de saudade
que aflige o coração

Balada do desencanto
cantei com melancolia.
Tu partiste, sofri tanto...
Saudade, dor, agonia...

É gostoso para a alma
para o corpo -uma delícia...
aconchega, aninha, acalma
envolver-se em carícia!

Se a carícia é tua
maior sabor ela tem.
Veste a minh'alma nua
o carinho do meu bem!

O beija flor voa no ar
Bailando sem queixume
De flor em flor a voar
Sentindo todo perfume

Quero o céu alcançar
É um dos sinhôs meus.
E assim, voar voar!
Ficar mais perto de Deus.

JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA

Poeta e ficcionista. Oitenta e sete anos, sem medo de dizer. Gosta que o mencionem como – o menino que o tempo não venceu. Pretende neste espaço homenagear duas poetas, duas amigas, dois grandes corações.

ESTER
13 de abril de 1006

Um passarinho me diz
Que Ester faz oitenta anos.
Toda a vida foi feliz,
Bem sucedida nos planos.

Se faltam bens de raiz,
Lhe sobram fraternidade
E vida plena - feliz,
Muito amor, muita amizade.

Diz que ser velho é uma sorte
De poucos que sem revezes,
Driblam e tardam a morte.

É poeta e trovadora,
Premiada muitas vezes:
Mansa, alegre, sonhadora...

* * *

UM POEMAM PARA ESTER

Ester da Silva Vasconcelos,
Ester, minha terna e querida amiga.
que palavras encontrarei no léxico,
no espaço etéreo ou na morada dos deuses,
que mereçam seu coração, sua alma, sua vida
- labor dos oitenta vividos para ser terna e suave,
para ser simples e boa, para ser, acima de tudo, amiga?

A vida compõe caminhos
e a gente os segue um a um,
sem que ao menos o perceba...

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

Quando nos conhecemos, em que ano?
Confesso que não me lembro, só sei que na UBT.
Depois na POEBRAS SALVAOR, aí, sempre constante,
estiveste de braços dados comigo, no comando por seis anos.

E agora se cortam s laços terrenos.
Você foi primeiro. Em pouco mais, bem pouco,
Serei eu a acompanha-la pelo caminho que leva ao fim.
Este o único caminho que gente quer recusar e é inevitável.

Até breve, Ester, querida amiga,
se há céu – se há céu, lá estaremos,
você, eu, todos os poetas de todo o mundo,
porque o céu é dos poetas, dos menestréis, dos santos

* * *

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS
CASTRO ALES – PORTO ALEGRE.

“Eu sou aquela que passou na vida
sozinha sempre, em busca de carinhos.
Eu sou aquela, que de frente erguida,
Ofertou rosas e colheu espinhos”.

“Vivo a pedir esmolas de alegria
e migalhas de amor para viver”.

Bendita sejas tu, que pelo amor ao próximo, pela sensibilidade, pelo lirismo de teu canto – em síntese, pela profunda vivência espiritual, alcançaste a glória de ser cognominada pelos contemporâneos “Poetisa do Coração”, e, como tal reconhecida, firmaste o nome nacionalmente. Assim irás à posteridade – poetisa do coração Celeste Maria do Amaral Maser Lourenço. E irás glorificada na força da tua palavra, na prece do teu coração.

“Senhor, fazei que nunca minha pena
escreva algo que fira a humanidade.

Fazei que sempre humilde e assim serena, pregue o amor, pregue o bem e a caridade”.

Excelentíssima Senhora Glory Eichenberg, digníssima Presidente da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves; senhoras e senhores acadêmicos, senhoras

e senhores convidados, queridos amigos e amigas das terras gaúchas que me honrais com a presença; intelectuais, irmãos e irmãs em espírito e sonhos. Creio que não precisarei pedir desculpas porque, antes de declinar vosso nome, invocasse a presença daquela a quem meu coração, pede, neste momento, a homenagem maior, o preito de honra e glória, pela simplicidade e beleza de sua poesia, pela beleza e simplicidade de sua vida, pela bondade e pelo amor. Pelo que foi sua passagem terrena entre irmãos de arte e de sonhos e no seio da comunidade com a qual conviveu, Celeste Maria Maser, merece, de todos nós, a primazia da referência. Suponho interpretar a vossa palavra, o sentimento de afeto e respeito à sua memória, quando busco inscrever seu nome no registro da História.

E foi para isso que vim. E é para isso que aqui estou – glorificar o nome de Celeste Maria Maser. Com efeito. A glória de Castro Alves, patrono desta egrégia academia e ainda patrono da Cadeira número 1, ocupada, inicialmente pela Poetisa do Coração, a glória de Castro Alves, glória eterna da poesia brasileira em todos os tempos, já nem precisa ser decantada na minha obscura palavra, sobrepõe-se às minhas humildes referências.

Permitais, pois, que o meu canto de poeta menor centre-se especialmente na menção à titular da vacante Cadeira, de quem, a bondade dos pares põe-me na posição honrosa de sucessor.

Corria o ano de 1974 – e lá se vão 29 anos. Foi aí que conheci Celeste Maser de correspondência. Não sou de boa lembrança para coisas do passado. Mas, é de novembro de 1974, uma pequena carta que encontro em meu desarrumado arquivo e me acorda para o fato e a data. Alguém plagiara, voluntariamente ou não, um trabalho de Celeste Maser e isto foi noticiado por um jornal de Recife, que regularmente publicava os nossos sonetos, os dela e os meus. Eu, chocado com o plágio, tomei as dores e laborei um soneto protesto, que encaminhei ao jornal. Não o revelei a Celeste, a quem pessoalmente não conhecia. A resposta do jornal veio de pronto. Resumo-a: “Caro João Justiniano, um abraço. E o agradecimento pelo seu ‘Desculpas’. E por Celeste Maria Maser agradeço o soneto ‘O Plágio’ que será publicado em janeiro e será uma surpresa para ela. Evangelina”. Evangelina era a editora do jornal. Pena é que se perdesse parte desse material. Não encontro o jornal da publicação nem o original do soneto. Aliás, não faço a menor idéia do que fosse ele. Encontro, porém, uma carta de Celeste, de 1978, que refere o assunto: “Adorei, João Justiniano, o seu soneto. É uma jóia. Parabéns. Sou, como você sabe, grande admiradora de seu talento e sinto-me orgulhosa sabendo que em 1976, a taça que leva o meu nome foi parar em suas mãos. Vivo trabalhando pela causa castralvina. Em março haverá a semana Castro Alves. Atualmente o presidente da entidade é o Dr. Antônio Pádua Monteiro, mas continuo a trabalhar com o mesmo carinho e entusiasmo”. Este soneto na carta referido, também não sei qual tenha sido. Vem, a seguir, a angustiante notícia da doença do esposo: “Só vivo triste porque meu

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

esposo, há mais de ano está desenganado, vivendo de um hospital para outro sem esperança de cura. Isso me desespera. Sofro demais. Perdi a esperança, mas graças a Deus não perdi a coragem. Luto com todas as forças para que nada lhe falte, nem a ele nem ao nosso Caio Graco”. E aí vem o orgulho de mãe, o conforto espiritual naquele momento sofrido: “Este tem 10 anos e já faz algumas rimas. Com esta envio-lhe um trabalhinho deste, para sua apreciação, claro que levando em consideração a idade.” E transcreve:

“DOIS TRABALHOS DE CAIO GRACO”:

“SÓ DEUS
Ninguém faz ninguém.
Só Deus faz alguém”.

“DEUS FAZ TUDO
O sol,
A flor,
A luz,
O amor

Tudo foi feito por Nosso Senhor”.

Era, sem dúvida, no sufoco da dor, um momento de alegria e paz. Voltava-se, esperançosa, para a contemplação do futuro do filho. Finaliza a carta com este rodapé: “Nunca me esqueço, querido amigo, daquele soneto que você me ofereceu a respeito do plágio de meus versos”. “Sou-lhe prezado colega, agradecida por isso”.

Meu último encontro com Celeste Maserá, foi no seu leito de dor. Em uma de minhas visitas a Porto Alegre, precisamente em 1998, para ser presente às comemorações dos 40 anos do Grêmio Castro Alves, por ela fundado, tive notícia de seu estado de saúde. Visitei-a ao lado do nosso Nelson Facchinelli, que neste momento enseja-me a alegria de, em nome dos pares, receber-me, solenemente nesta Casa. Doente assim mesmo, envolvida pelos cobertores no friorento mês de maio, recebeu-nos sorrindo. Nem parecia a pessoa de dias contados, ciente e consciente da inexorabilidade do fim. Falou de poesia, de soneto especialmente, e, ainda que em voz fraca, declamou alegremente. Ou ao menos, alegre com a visita, fez-se parecer. As grandes almas são assim, têm o dom e a coragem de esconder o seu sofrimento para não fazer sofrer o semelhante. São revestidas de uma força imensurável.

Nascida em 17 de março de 1929 na sua, na nossa amada Porto Alegre, à Rua Gomes Carneiro (casa), nº 1, no Bairro Medianeira, no qual viveu até o fim, despediu-se da vida em 7 de junho de 1998.

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

Aos oito anos de idade, a notícia me vem da nossa querida presidente, compunha o seu primeiro poema. Esse poema dos oito anos não seria senão o despontar da poesia que veio ao longo da vida até o derradeiro instante.

Teve uma vida dedicada à arte literária e a cultura. Seu ídolo maior, santo de sua devoção poética, como dizia, foi Castro Alves. Por isso mesmo, idealizou e fundou com um grupo de intelectuais gaúchos o Grêmio Literário Castro Alves. Era o ano de 1958, dia 25 de maio. Não lhe bastaria. Veio a fundar, oito anos depois, a 20 de novembro de 1966, a Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, ocupando a Cadeira nº 1. Tomou como patrono da Cadeira, ainda Castro Alves. Em verdade uma devoção. No centenário do Poeta da Liberdade, ela registrava em um de seus poemas:

“Há cem anos, em plena mocidade,
Castro Alves partiu à eternidade
Deixando sobre a terra este pedido:
Defendessem o triste, o abandonado,
Todo aquele que fosse maltratado
- o pobre, o infeliz, o oprimido.

lançou na terra uma semente
esperança que fosse eternamente
tivada por todo brasileiro”.

Parece que os poetas, na distância de tempo e espaço e mesmo na distância de plano espiritual, se encontram. Como que Celeste Masera e Castro Alves, em planos distintos, encontram-se na poesia. O santo e sua devota. Celeste era de um lirismo suave e encantador. Lírico também foi Castro Alves, embora sua imortalidade se firmasse na poesia libertária, com o título maior de o Poeta dos Escravos. E ainda que não se dedicasse ao soneto, arte maior da poética, escreveu alguns, belíssimos. Este por exemplo, dos seus dias finais, dos seus últimos instantes no leito de sofrimento:

Se houvesse ainda talismã bendito
Que desse ao pântano a corrente pura,
Musgo ao rochedo, festa à sepultura,
Das águias negas harmonia ao grito.

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

Se se pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insônia escura
No poema dos beijos, infinito,

Certo serias tu, donzela casta,
Quem me tomara em meio do calvário,
A cruz de angústia que o meu ser arrasta.

Mas se tudo recusa-me o fadário,
Na hora de morrer, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz do teu rosário.

Era quase um apelo à piedade. Ou era bem um apelo. No leito de sofrimento - sem dúvida procurando ar. Sufocado pela tuberculose que lhe roía vagarosamente os pulmões, o grande poeta, o extraordinário poeta da liberdade, alavanca maior da abolição do cativo, pedia a caridade do amor, para o qual pouco antes seu coração fora fogo e chama.

Quem sabe, o soneto a seguir, da poetisa homenageada, cujo espírito poderia viver, inconscientemente, o espírito do poeta de sua devoção, não seria uma resposta ao soneto anterior, tão sentidos ambos, tão transbordantes de lirismo e vida espiritual como se ainda agora falassem ao coração da gente:

“Se morássemos perto... Que beleza!

O mundo me seria um céu aberto.

Não haveria em mim essa tristeza,

Não teria em meu ser este deserto.

Se morássemos perto, uma princesa

Até me julgaria. Fica certo,

Que minha alma à tua alma, estando presa,

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

Não seguiria por um rumo incerto.

Se morássemos perto, eu sinto, eu creio,

Não haveria em mim este receio

Que às vezes sinto, sem saber por quê.

Se morássemos perto, o universo

Seria um livro transformado em verso,

E teria razão o meu viver.”

Filha de Álvaro Sérgio Maser e Paqueta do Amaral Maser, foi casada com Antônio Lourenço. Teve um filho, Caio Graco. Professora, exerceu a cadeira de latim. Foi uma sonetista realizada, diria apaixonada. Como eu, como todos os que nos dedicamos ao soneto. Cultuou quase com devoção, o decassilabo. Seus sonetos são de rara beleza.

Ganhou, sem o pleitear, pelo trabalho e pelo mérito, pelo brilho com que se havia, além de o título de “Poetisa do Coração”, também o de “Incentivadora de Novos Poetas”. Deixou uma extensa obra publicada e inédita. Vamos destacar VOZ DO CORAÇÃO, sonetos – 1956; TRISTEZA, trovas – 1957; NUVENS QUE PASSAM, sonetos – 1959; RETICÊNCIA, trovas – 1961; TERNURA, sonetos – 1962; NO APARTAMENTO AZUL, sonetos – 1964; DIA DAS MÃES, sonetos – 1965.

Fundou e dirigiu o jornal literário VOZ DO SUL. Integrou, além de o Grêmio Literário Castro Alves e esta Academia, entidades que idealizou e fundou, também a Academia Literária Feminina de Trovadores do Rio Grande do Sul, a Academia de Trovadores do Sudoeste, a Academia Uruguaiana de Letras, e, como membro de honra, a Academia Zenith, de Costa Rica. Participou do Grêmio Brasileiro de Trovadores da Bahia e da Associação Rio-grandese de Imprensa. Foi correspondente do Cenáculo de Artes da Guanabara e do Lions Club de São Paulo. Recebeu a condecoração Lírica da Rosa Branca – diploma de honra da Argentina. Fez jus a mais de 50 diplomas.

Vamos, senhores, fechar esta humilde oração, com a palavra dessa criatura extraordinária a quem tenho a honra de suceder nesta egrégia Casa, em um de seus mais belos sonetos:

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

“Manhã de abril, manhã serena e calma,
Plena de sol, de sonhos, de alegria.
Manhã de abril, que trazes a minha alma
A sensação feliz de um novo dia.

Manhã de abril, a luz encanta e acalma;
Cantam as aves hinos de harmonia.
Adoro-te manhã, e dou-te a palma
Do amor, pois me afugentas a agonia.

E ao surgires, passeio na calçada,
E fico a contemplar, enamorada,
Teus verdes campos e teu céu de anil.

No sino da capela badalando,
Das árvores nas folhas oscilando...
Como fascinas ó manhã de abril”!

MARA CARVALHO LEITE

Tradutora-intérprete e professora de línguas, nascida em Palmeiras, Bahia em 29-01-1954. Participou de várias antologias poéticas pelo Brasil. Atualmente mora em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

SENTIMENTOS CONTIDOS

Sentimentos contidos,
não ditos, nem expressados
nos levam à loucura
e a todos os males
desta vida terrena.

O amor não revelado,
a raiva reprimida,
o ódio disfarçado
e o medo retraído
geram células malignas
que se transformam em tumores,
cânceres, úlceras e hepatites.

Sentimentos escondidos
matam a alma,
apodrecem a aura,
nos fazem infelizes.

Sentimentos expressados
com sinceridade,
nos lavam a alma,
nos levam à calma,
à paz e à luz.

MARIA ELISA BERWANGER

É professora em Santo Ângelo (RS). Dedicou-se à poesia intimista e social. Membro Efetivo da Academia Santo-angelense de Letras, é freqüentemente solicitada para proferir palestras para graduandos de Letras sobre o fazer poético. Seu nome consta nas mais importantes publicações literárias da região. Uma poeta do Acampamento da Poesia do Entre-Ijuís (RS)

METROVIDA

Deixa estar, Cenira,
pela conta de luz não paga,
pela alma murcha,
pela comida rala,
pelo sono pouco, pela exaustão;
o despertador, o banho frio, filhos lacrados lá no barracão.

Toda vida agora, sangue não tem hora,
esta conta é tua
apoteose e samba
de overdose em rua
e quem mais te quer
quer te ver só nua.

Vai, Cenira, que a conta é longa,
juro sobre juro
muro te esconjuro
mora sobre mora
configuração.

Não há quem te carregue, Cenira,
no metrô que corre
no metrô que foge
do filho a beber o leite deixado
no canto do barraco de teu coração.

Que pernas te sustentam,
se o homem partiu,
o irmão não viu,
pai sabe quem é?
Mãe já foi pro norte,

irmã pela vida à toa,
quem, Cenira, te mantém ao sul?
Segura o ferro, a barra de ferro,
desse trem que corre,
desse trem que escorre
cimento e rapidez
dos quase sem destino.
Não chores. Nada chores.
Isto é fato.
Homem jamais serás para chorar.
Os filhos. Os filhos.
Vai, deposita
na pira, Cenira,... teu anonimato.

RÉQUIEM

Onde ficou o gesto,
teu bravo gesto de espanto,
se o lodo hoje te cobre,
e de ti se ouve nada,
nem o riso nem o pranto?

Quando de tuas medalhas
nos olhos de quem te soube,
orvalho na terra imóvel
onde a alegria da gente
no coração que te coube?

Como o teu jeito e carícia
tua colheita de amores
se já as mãos jazem brancas,
inúteis, definitivas
assim cobertas de flores?

Que foi feito da brasa,
de tua boca em poema,
posto que o verme beija
umidez de teu verso,
mudo por todas algemas?

Por que os tricôs de lua,
tantos projetos de vidro
seu cristais se rompem fácil
no breve desvio de uma esquina,
esfarelando os ouvidos?

Quantas perguntas lançadas
em ocas conchas de vento
onde a carne, tua pele,
teu movimento nas coisas,
se hoje indiferente circulas
nas celas de meu convento?

* * *

MÁRIO SIMON.

Mestre em Literatura Brasileira, titular desta disciplina na URI (Santo Ângelo (RS)), dedica-se também à história das Missões Jesuíticas no RS, com três obras publicadas nesta área. Ficcionista centrado no conto, foi Prêmio Revelação Literária Apesul, do RS, em 1980. É o autor do romance histórico “O Caminho da Pedra”. Cronista do cotidiano missioneiro, publica regularmente nos jornais locais e revistas regionais de estaduais. Tem oito livros publicados. Fundador da Academia Santo-angelense de Letras, é o idealizador do Acampamento da Poesia do Entre-Ijuís (RS).

TRAJETÓRIA HUMANA

(Para o poeta Bruno Tolentino)

Mal desperta o homem na terra,
Não sabe onde, nem como,
E já o atropelam os seres
E as quimeras.

Se soubesse o destino da via
Voltaria ao sono eterno.
Mas, desperto, impossível o retorno,
Que é certo um dia.

E vagando vai de rumo vago.
Em todas as ilhas, uma esperança,
Sem saber que elas flutuam
E se vão ao largo.

Não há nesta vida seguro porto,
Nem âncoras que se estabeleçam.
É por isso que o homem é triste
E absorto.

Nem a glória é permanente,
Nem o amor que se não entende.
A mais rija fortaleza que tem
Acaba doente.

Nem há com que preocupar-se,
Não é nada, não se conhece, passa incógnito.
O que há é uma culpa em cada vida
Que nasce!

No somatório, há mais dores
Na existência, que alegrias.
Até os espinhos duram mais
Que as flores.

Todas as trilhas são feitas por outros.
Por que segui-las então?
Liberdade é privilégio único
Dos loucos.

É assim, abismos e sumidouros,
Penhascos e turvas águas,
Infinitos oceanos de angústia
E desdouro.

Ah, se houvesse o que dizem luz,
Ah, se existisse a felicidade longe,
Talvez o homem carregasse flores
Em vez da cruz.

MARINÊS BONACINA.

- Profissional de Comunicação. Ativista Cultural, Escritora, Poeta. Presidente da CAPOLAT - Casa do Poeta Latino-Americano. Presidiu a CAPORI – Casa do Poeta Rio-Grandense. Gestão 40º anos 07/05. Gestão 42º 07/07. Apresentou o Cafezinho Poético, da CAPORI durante sete anos. Acadêmica, cadeira 39 do patrono Jornalista Mendes Ribeiro, em 22/11/03, pela Academia de Artes, Ciências e Letras “Castro Alves”. Acadêmica, pela ALMURS - Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul, em 25/11/04. Exerceu o cargo de Vice-Presidente e Diretora de Imprensa da AJEB – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil Gestão/04/06. Jurada de vários eventos culturais. Participação em 20 Antologias e Coletâneas, de POA e RGS. Detém vários prêmios literários, entre eles, Medalha Cultural Brasil 500 anos / Brasília-DF. /99. Medalha Mario Quintana de Literatua Medalha de Ativismo Cultural/2003. Medalha Nelson Fachinelli/20006. Troféu Prata da Casa do Poeta.

E-mail: mabjornal@yahoo.com.br

ANJOS DE OUTONO

Declina, o sol,
Um suave toque do vento gelado. .

Renascem imagens, sentimentos
do inverno, primavera e verão.
Uma réstia de romantismo,
acolhe em seus braços.

O tempo escorre,
passa a nuvem, vida, sonho,
centelha do amor.
No painel do céu
o poema dos anjos.
Noite . . . cheiro de outono
Sob brancarias de uma lua amável
de lendas, encanto,
miragens e magia.
No olhar um brilho,
estrela, rio de poesia sofrida
choro num verso feliz.
Anjos da estação, abram sóis,
aos olhos de quem esqueceu.
Nem as dores franzem o cenho

Não vou legar a sina dos meus eus.
Nos vitrais dos sonhos
a grandeza do silêncio,
hino eterno de Paz.
Nas asas dos anjos de outono

TEIA

B.Gonçalves, 03/10/2005
Para Nelson Fachinelli

Mestre...
“Operário das Letras”
bordas de amor
os caminhos,
na tela da paz.
Nasce da farinha o pão,
da luz o amor,
da uva o vinho
da dor o poeta
Num cálice de inspiração

MÁRIO BELMIRO BARBOSA.

Nascido em Cachoeira, Bahia. Bacharel em Ciências Contábeis. Membro da Diretoria da GACB (Grupo de Ação Cultural da Bahia), CEPA (Círculo de Estudo Pensamento e Arte), POEBRAS SALVADOR (Casa do Poeta Brasileiro em Salvador) e colaborador em seus livros e antologia. Residência – Rua Daniel Lisboa, 3ª Trav, 47. Brotas. Salvador.BA

O BRASIL PASSADO A LIMPO

Quero ver campos verdes no Nordeste.
Rios e cachoeiras no Agreste.
Crianças livres das pestes.
Filhos distantes em regresso.
Respeito aos jovens e idosos.
Políticos sensíveis e virtuosos.
Estadistas sem mentiras e creditados;
Operários satisfeitos e sem greves.
Indústria forjando o progresso.
Religiosos na sua reflexão.
Bandeira única desta Nação.
O amor pátrio vibrando.
Em toda parte – paz dominando.
Crianças sem abandono;
Mesa farta no Natal.
Meu povão sorrindo sem Carnaval.
As chamadas fontes informativas
(rádio, TV e jornais).
Só notícias positivas, nada mais.
Filhos reconhecidos pelos pais.

Este é o Brasil colosso
que gostaria de ver
passado a limpo – estampado.
Lindo! Lindo de viver!

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

OSWALDO FRANCISCO MARTIS. Engenheiro químico e matemático. Pós-graduado em Engenharia de Processamento Químico e em Engenharia de Processos Químicos. Professor de matemática. Poeta e ficcionista, com sete livros publicados. Diretor de Intercâmbio Cultural da POEBRAS SSA. Coordena as nossas justas literárias desde 2002. Cel. (0XX71) 9104-5228. E-mail: omartins1@uol.com.br.
TROVAS (da obra inédita Realidades versejadas em trovas)

Haja trova em doce vida! haja verso em sete pés! traz à redondilha lida o prazer dos cafunés!...	Itaigara, bairro rico, pobre tem metido em festa, que blefando diz “eu fico”... quando grana não lhe resta!
Fatos, dados, guerras, mortes. gira o mundo por instantes. Homem e mulher, se fortes, tornam-se na vida amantes.	Licença maldita mata, pelas costas, seres nobres; licença que do mal trata, pela frente, mata pobres.
Reclamar é coisa chata, desagrada a todos nós, faz a vida não pacata dando em todos muitos nós.	Campo santo muito belo mostra a mata verde e vasta sobre a morte, sobre anelo... – tanta calma não lhe basta!
Labutando neste Pólo, vejo gente e sonho em luta: pela grana neste solo, só trabalhador labuta!	Ser guerreiro deste mar, navegar revoltas águas, desejando muito amar, só vivendo várias fráguas.
Quando pula o muro intenta... muito intenta contra tudo... nega a todos, tudo inventa, dá desculpas, sobretudo.	Na reforma deste meio vem à tona a triste falta. Tantos mamam neste seio... mamatas estão na pauta!
Os ruídos do motor arranhando os nervos quentes parecem-nos, bom doutor, feito para vós, dementes!	Água temos quando o poço limpo ou pronto está com ela. Milagre não ocorre ao moço: – ao morto, caixão mais vela!
Imoral é ser covarde a roubar o ser que cega. Todo pobretão reparte	Desgraçada! como fede! Tem vacância a tola mente! “Coordena” porque procede

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

o que todo rico nega.	sempre indigna à séria gente.
Professora do fracasso lendo escritos do saber, dando aulinhas... – erro crasso para alunos ver ou ler!	Professores? – puxa-sacos, gente indigna e tão pequena, com conceitos muito fracos: “desgraçados” numa cena!
Que “coordenação” demente! de safada gente lerda, cortou professor, docente, mostrou que faz muita merda!	A metida, não fascina Peter Drucker, pois é burra!: administração malsina, boa faculdade surra!
Pai, reitor biônico. Ela, c’o “caráter” sujo. Saber morto, crônico, há vacância bem no cujo!	É canalha, puxa-saco, moleque sem compostura. Pouco d’homem tem o fraco formado na ditadura.
Nem o preço em curso caro desagrada ao professor, dito mestre, besta raro, que se curva ao ditador!	Alunado bom se paga pelo curso nobre e fundo. Não lhes faltam senda e saga Nos estudos deste mundo!
Segurança em grande planta espelhando o nobre porte mostra ao mundo vida tanta para quem labuta forte.	Da procissão pela estrada a louvar o Bom Senhor vem a reza formatada: todos crêem no puro amor!
Haja vida com estresse, haja luta, haja guerra!... aja feito um Herman Hesse, seja gente nesta terra!	Da fogosa pelo campo, linda porta com a tranca. Se tirava até o grampo, desejava ser potranca!
Que pequena linda, bela! remexidos tão freqüentes! lindos pelos pretos dela!... haja olhos d’homens quentes!	Tem pilantra neste globo, mijorrento feito um cão! Tem país e traste bobo, burro Bush em contramão!
Deputado picareta golpeando o povo bobo não faz coisa séria e reta: preda vivos, faz-se lobo!	Em tristuras modernas jazem dores de lascar, odiosas, tão famosas, que duram até matar...!

REVISTA N. 7 DA POEBRAS – 2006/2007

PÉROLA BENSABATH.

Membro da Academia de Letras de Araguari-GO e da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador, exercendo o cargo de Diretora Secretária. Prêmios em poesia: III e VI FAEC (1994 e 2001) e Revista Brasília (1983). Publicações: livro Gotas de Pérola (1997) e participações nas coletâneas Poetas Brasileiros (Shogun, RJ, 1994), Brasil Literário (Crisalis, RJ, 1984), Poetas do Brasil (Folha Carioca, RJ, 1984). Tel. 71 – 8833-8636

EXCLUSIVIDADE
SSA, 10-04-2006.

PROVISORIAMENTE
(Para Ju, filha caçula)

Quero ficar bonita
amores).
e me emplumar de alegria.
Derramar o ciúme do cálice
e deixá-lo escorrer entre cristais.

(Você diz que sou arauto de
Hoje não usarei romantismo,
não falarei de flores
(provisoriamente).

(prá os olhos do meu bem
não olhar prá ninguém).

Mente e corpo dardejaram chamas
(não debedadas).

Quero corpo malhado
e roupa vistosa.
Usar artifícios
ou te beijar sem batom.
Amassar os lençóis
e retocar maquiagem.

Cá do meu canto percebo...
a traça que rói o papel,
o pássaro que bica a maçã
e eu... mordendo a vida
qual romance de cordel!

Quero te amar em lampejo
e te trazer prá mim.
Quero colorir os cabelos
e me fazer de dengosa.
Te ofertar guloseimas
escrever bilhetinhos
e te fazer feliz!

Mordeduras, roeduras, bicaduras
dilaceram, magoam, arranham
cárceres, redomas e lágrimas
(que enfeitam realidades duras).

(prá os olhos do meu bem
não olhar pra ninguém).

Proscrita, prescrita, prevejo
(o segmento de uma trilha).
E sinto o cheiro profético
acre e inconfundível
(do percevejo fétido).

Hoje, provisoriamente, filha
não cantei as flores
e não poetizei os amores.

